

Mídias (des)locativas: era uma vez a história de um telefone¹

Priscila Niara Frossard²

Resumo: Atualmente as mídias são definidas como personagem central na forma de obtenção de informações e de conhecimentos acerca dos diversos aspectos da realidade. A partir de textos como: *Remediation*³, Ciberespaço Antrópico⁴, Mídia Locativa⁵, analisarei o “celular” a partir de suas novas corporeidades e significados culturais nas práticas sociais atuais.

Palavras-chave: público/privado, conexão, mídia locativa, transitoriedade.

Era uma vez a história de um telefone...

Os novos usos e funções dos “celulares” fizeram com que emergisse novas sociabilidades a partir da portabilidade dos dispositivos. O “celular” não faz

1 Artigo apresentado como parte da avaliação da disciplina Ambientes Midiáticos sob coordenação da Profa. Dra. Giselle Beiguelman do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

2 Aluna mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP sob orientação da Profa. Dra. Giselle Beiguelman, desenvolve sua pesquisa em Mídias Digitais, tendo como projeto: Estética da Arte Genética: meta-autor, complexidade e auto-organização.

3 BOLTER, Jay David e GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge: MIT Press, 2000.

4 ANDERS, Peter. “Ciberespaço antrópico: definição do espaço eletrônico a partir das leis fundamentais”. In DOMINGUES, Diana. **Arte e Vida no Século XXI: Tecnologia, Ciência e Criatividade**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

5 LEMOS, André. Mídia Locativa e Territórios Informacionais. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia_locativa.pdf
Acesso em: 04/10/2008.

mais apenas ligações, o conceito de “telefone celular” deve ser repensado, pois os dispositivos atuais permitem enviar SMS, MMS, e-mail, acessar a Internet 3G via WAP e WI-FI, conexão Bluetooth, assistir TV, ouvir rádio, MP3, gravar imagens digitais estáticas ou em movimento. São tantas as funções que nem podemos mais chamá-los de meros telefones, pois um dia eles foram, hoje não são mais. Tais dispositivos poderiam, talvez, serem chamados de *terminais hipermidiáticos*.

Por meio da corporeidade e materialidade atual desses *terminais hipermidiáticos*, podemos vislumbrar as afetações que tal dispositivo engendrou no comportamento social. Tal dispositivo revela afetações e sensorialidades totalmente novas, remete novas corporeidades, novos significados culturais aplicados às práticas sociais atuais.

Podemos concordar que a telefonia sem fio tornou mais acessível e rápida a comunicação. Se pegarmos a história recente do Brasil, pouco menos de 20 anos atrás, pagávamos uma fortuna e esperávamos anos por uma linha de telefone fixo. A privatização da telefonia no Brasil possibilitou sua disseminação, condicionando um aumento considerável na telefonia fixa e, posteriormente a móvel, abarcada pelas novas tecnologias, preços mais acessíveis e campanhas de marketing estratégicas das empresas. As grandes facilidades de acesso à telefonia fizeram com que mais pessoas pudessem estar em comunicação constante, gerando em algumas implicações sobre seu uso.

Público/Privado

Não há mais a distinção tradicional entre tais relações, uma vez que conversas são trocadas a qualquer hora e qualquer lugar. As conversas ficaram públicas. A partir do momento que podemos nos comunicar em qualquer lugar, não distinguimos mais o espaço público do privado. Troco qualquer tipo de informação em qualquer lugar. Houve a inversão do privado para o público, proporcionando a inclusão do corpo/comportamento privado no corpo/comportamento público. Wellman⁶ discorre sobre uma moça que em uma viagem de ônibus esquece que está em um local público ao lado de estranhos e mantém uma conversa íntima com seu namorado. Podemos perceber a mudança de comportamento dos seres em relação ao dispositivo. Se antes tínhamos que nos locomover a locais privados ou públicos com características privadas (orelhões ou cabines telefônicas que permitiam um distanciamento do espaço público) para podermos nos comunicar, hoje a comunicação por dispositivos móveis/portáteis dissolveu esses limites.

Conexão

Como dito anteriormente, a comunicação ficou mais acessível, pessoas passaram a estar constantemente conectadas. Claro que tal característica não decorre somente dos dispositivos móveis, vemos essa intensa conectividade no uso da internet. Mas nos *terminais hipermidiáticos* essa conectividade,

⁶ WELLMAN, Barry. Apresentação em vídeo “Cell Phone Nation”. Disponível em: <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/> Acesso em 07/19/2008.

assim como na internet, formam redes de relações e comunicações instantâneas. Pessoas conectadas a outras, mandando mensagens, links, vídeos. Um fulano faz um vídeo e posta no Youtube, outro acessa e comenta, localiza esse vídeo no Google Maps, possibilitando a disseminação constante de informação. A informação vai passando de um espaço a outro. Os *terminais hipermidiáticos* tornaram-se mais um dispositivo de acesso à rede telemática, todavia com funcionalidades diferentes de um computador. Comportamentos e atitudes da relação homem/computador/internet migrou para tal dispositivo. São dispositivos híbridos⁷, pois permitem a conexão, localização e trocas entre diversos espaços, on e off-lines, promovendo “relações interpessoais e translocais”.⁸ São terminais que além de conectar pessoas, conectam outros terminais, informações e espaços.

Transitoriedade

A idéia da transitoriedade surge com a idéia da mobilidade e portabilidade dos dispositivos, uma vez que acessamos esse *terminal hipermidiático* literalmente em trânsito. O dispositivo nos dá a liberdade de locomoção e transitoriedade, tanto da comunicação quanto dos comunicadores. Pois não há mais a necessidade de estar fixo em algum local, a comunicação é feita a partir do deslocamento. É caracterizada pelo envio constante de informação.

⁷ ANDERS, *op.cit.* O autor sugere como exemplo de espaço híbrido: na construção de um edifício, antes de começar a obra, são feitos esboços e projetos eletrônicos; durante a obra existe a consulta a esses esboços, modificando-os de acordo com a necessidade da obra, essa duplicidade de espaços, o esboço eletrônico e o espaço concreto, onde em ambos sugerem informação, é que o autor chama de espaço híbrido, ou seja, a capacidade de habitar esses dois espaços informacionais.

⁸ BEIGUELMAN, Giselle. **Linke-se: arte/mídia/política/cibercultura**. São Paulo: Peirópolis, 2005, p.151.

Caracteriza-se num fluxo informacional. Os seres se apropriam e se relacionam a partir do trânsito e deslocamento, “em estados entrópicos e de aceleração contínua”.⁹, modificando nossa noção de espaço e distância, transformando nossa capacidade de apropriação espacial. Essa transitoriedade formula novas sociabilidades, permite mudanças cognitivas e adaptação corporal. Transforma-nos em uma cultura nômade, cultura transitória, acentuando nossas capacidades sensoriais.

Mídias (des)Locativas

Segundo Lemos, podemos identificar mídias locativas “como um conjunto de tecnologias e processos info-comunicacionais cujo conteúdo informacional vincula-se a um lugar específico”.¹⁰ São dispositivos que localizam tanto a informação quanto a pessoa a algum lugar específico, determinando diretamente a relação entre dispositivos e lugares, associando “conteúdo digital a uma localidade, servindo para funções de monitoramento, vigilância, mapeamento, geoprocessamento, localização, anotações ou jogos”.¹¹ Neste caso, lugares, objetos e pessoas dialogam com os dispositivos móveis. As informações passam a ser indexadas, associadas a outras, localizada. Permite a linkagem entre os espaços e objetos físicos a banco de dados eletrônicos e mapas on-line, mesclando e agregando informações sobre as localizações. Podemos apontar o dispositivo a um local determinado e o dispositivo se conectar a rede internet e obter mais informações sobre o

⁹ BEIGUELMAN, *op.cit.*, p.154.

¹⁰ LEMOS, *op.cit.*

¹¹ *Ibidem.*

local. Informações geradas previamente pelo próprio local e informações geradas posteriormente pelos usuários do local, ou seja, as informações do banco de dados gerado pelo local e o banco de dados gerado coletivamente sobre o local. Essas mídias associam também a idéia de monitoramento, pois a partir do momento que localizo, posso monitorar tal localização e o objeto inserido no local.

O fluxo comunicacional se dá por redes sem fio e dispositivos móveis, caracterizando a era da comunicação ubíqua, senciante e pervasiva das mídias locativas... As referências da cidade não se vinculam apenas às marcas territoriais físicas, mas a eventos informacionais dinâmicos, embarcados nos objetos e localidades...¹²

Tais mídias permitem a escritura sobre as paisagens. Criamos narrativas a partir do deslocamento na paisagem. Possibilita a colaboração e compartilhamento das narrativas ao mesmo tempo em que individualiza os percursos e localiza os seres singulares na paisagem. Todavia, ao mesmo tempo em que essas mídias localizam, elas também deslocalizam, pois o caráter transitório faz com que haja circulação constante. A mídia torna-se locativa e (des)locativa. A deslocalização acaba sendo inerente a mobilidade, ao caráter transitório, a falta de fixação em algum ponto. Mas ao mesmo tempo te localiza e localizam outros nesse trânsito. Estamos diante de novas experiências de localização e obtenção de informação, pois os dispositivos aliados a transitoriedade e conexão, criam novas práticas de apropriação espacial, fornecendo dados dinâmicos sobre os espaços e objetos inseridos no espaço, resignificando-os.

¹² LEMOS, *op.cit.*, p.11.

Inmediacy, Hypermediacy, Remediation...

As lógicas apresentadas por Bolter e Grusin¹³ podem ser aplicadas aos *terminais hipermidiáticos* de diversas maneiras. Se pensarmos a idéia de *Inmediacy* como apagamento da mídia, diluição da idéia de mediação, conseguimos vislumbrar tal argumento as próprias características dos dispositivos quando propomos a idéia de *terminal hipermidiático*. Esses dispositivos tendem a apagar a idéia do “celular/telefone”, pois eles não são mais “celulares/telefones”, nem nas formas, nem nas funcionalidades. Aliás, ligações são **uma das** funcionalidades. Ao mesmo tempo podemos pensar o dispositivo como *Hypermediacy*, pois ele agrega diversas mídias em um único dispositivo, ele afirma e acentua os recursos midiáticos, o dispositivo é um *terminal hipermidiático*. Possui acesso a internet através de WAP e Wi-Fi, faz ligações, envia mensagens, possui conexão Bluetooth, faz imagens estáticas e em movimento em alta definição, possui jogos on e off-lines, etc. Podemos considerar o sentido de *Remediation* no momento em que tais dispositivos se apropriam das antigas mídias e reformulam ao novo contexto, todavia, sem adaptá-las. Potencializam e se aproveitam das antigas tecnologias, reutilizando-as e transformando-as. Sendo diferentes e mesmas ao mesmo tempo. Através da *Inmediacy*, *Hypermediacy* e *Remediation*, busca-se algo como a supressão e superação do “celular”.

Conclusões

¹³ BOLTER e GRUSIN, *op.cit.*

Podemos concluir que os *terminais hipermidiáticos* alteraram a forma como nos comunicamos e nos relacionamos com os outros, com objetos e espaços. Tais dispositivos reforçam a fusão entre seres e dispositivos. São dispositivos que possuem um caráter transitório, utilizam a mobilidade como potencializadora das relações entre seres–dispositivos–espaços. Reforçam a idéia de **estar junto em trânsito**. Criam novas formas de nos organizarmos na e perante a sociedade. Vinculam e localizam territórios, “sejam eles culturais, políticos, subjetivos, corporais, geográficos...”.¹⁴ Monitoram e controlam nossos movimentos, deslocamentos e percursos.

Objetos e espaços cotidianos tornam-se máquinas comunicacionais, trocando informação e identificando objetos/pessoas e movimentos. Emergem daí questões não apenas comunicacionais ou urbanísticas, mas políticas, ligadas a novas formas de monitoramento, vigilância e controle do espaço urbano e da mobilidade social já que tudo/todos terá(o) uma “tag”, um indexador eletrônico transformando os espaços das cidades em nuvens de dados.¹⁵

Acredito que a grande contribuição que tais dispositivos proporcionam – além de sua função de comunicação, fluxo, localização e monitoramento – é a capacidade de agregar pessoas, contribuindo cada qual a sua maneira para a construção de uma narrativa coletiva dos espaços.

¹⁴ LEMOS, *op.cit.* p.19.

¹⁵ *Ibidem* p.10.

REFERÊNCIAS

livros

ANDERS, Peter. “Ciberespaço antrópico: definição do espaço eletrônico a partir das leis fundamentais”. In DOMINGUES, Diana (org.). **Arte e Vida no século XXI: Tecnologia, Ciência e Criatividade**. São Paulo: UNESP, 2003.

BEIGUELMAN, Giselle. **Linke-se – arte, mídia, política, cibercultura**. São Paulo: Peirópolis, 2005.

BOLTER, Jay D. e GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge: MIT Press, 2000.

internet

Admirável Mundo Cíbrido. (Giselle Beiguelman)

<http://www.pucsp.br/~gb/texts/cibridismo.pdf>

A Estética Política das Mídias Locativas. (Lucia Santaella)

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/colombia/iesco/nomadas/28/12-estetica.pdf>

Cell Phone Nation. (Barry Wellman)

<http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/publications>

Locative Media as Socialising and Spatializing Practice: Learning from Archaeology. (Anne Galloway)

http://leomanac.org/journal/Vol_14/lea_v14_n03-04/gallowayward.asp

Mídia Locativa e Territórios Informacionais. (André Lemos)

http://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia_locativa.pdf

Mídia Locativa, práticas artísticas de intervenção urbana e colaboração. (Karla S. Brunet)

<http://arte.unb.br/7art/textos/karlabrunet.pdf>

Trace: Mapping the Emerging Urban Landscapes. (Alison Sant)

http://leomanac.org/journal/Vol_14/lea_v14_n03-04/asant.asp